

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.1730

Terça-feira, 15 de Julho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 33-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaya, 111 e 113

Quando será que o ministro da justiça se resolverá definir a situação dos operários presos? Para iniqua arbitrariedade já basta o seu revoltante cativoiro!

A reacção monárquica

Enquanto a república se entretém a perseguir os operários, infringindo a constituição, os monárquicos, sob a protecção dos republicanos, vão tomando novos alicios, concentrando forças e dispondo-se a realizar, na ocasião oportuna, o assalto ao Terreiro do Paço. Que temos nós com isso? dirão camaradas nossos que não querem ser arredados do terreno exclusivo das lutas económicas. Temos tudo. O Estado é uma realidade que não podemos ignorar e que por isso mesmo combatemos. E quando o fazemos, não travamos uma luta de ordem exclusivamente económica.

Porque o Estado existe e exerce sobre nós uma acção mais ou menos violenta, não nos é lícito desinteressarmo-nos da forma que ele pode revestir, e da maneira como actua na vida social. Ora nós sabemos que nas repúblicas, a burguesia organiza a tem o poder económico, que a situação republicana não é o objectivo das nossas reivindicações; mas sabemos também que o triunfo monárquico representaria em Portugal uma reacção perigosa, contra todas as liberdades já conquistadas.

Não queremos participar do Estado, do seu funcionalismo ou das suas autoridades, ser uma roda num simples parafuso da sua engrenagem, mas temos todos o dever de nos opormos a que o Estado retrograda a formas mais atrasadas e dum autoritarismo mais violento. E porque, em geral, é o povo quem se sacrifica, nos momentos de perigo para a república, justo é que antes mesmo de ser necessário pegar em armas, se lance o alarme e se procure evitar que os acontecimentos cheguem a atingir um tal aspecto.

Por isso nos doi a inconsciência com que os republicanos acolhem no seu seio os inimigos do regime e a complacência com que tratam os que não aderiram, e fazem a campanha monárquica em plena liberdade, enquanto os militantes operários vão para a cadeia. Diz-se por toda a parte que o Banco de Portugal é um coio de monárquicos, que patrocina a especulação cambial e influi nas campanhas contra os ministros das finanças para que a situação financeira se não regularize e se tenha de recorrer ao aumento de circulação fiduciária, para

a situação se tornar cada vez mais insuportável. No entanto, a república não teve ainda um gesto em relação ao Banco de Portugal que, em razão dos benefícios que deve ao Estado tem obrigação de não prejudicar. Se houvesse alguém com uma nação mais racional das circunstâncias do actual momento, ha muito que o Banco de Portugal estaria socializado, revertendo os fabulosos lucros que tem, não em proveito de accionistas, mas do próprio país e redazindo-se a especulação ao mínimo.

Os monárquicos dominam também nas repartições públicas e nos próprios ministérios. Todas as medidas que possam lesar as classes conservadoras ou representar alguma vantagem para o povo são contrariadas nessas repartições. E esses monárquicos, funcionários públicos, autores destas proezas, não ocultam o seu monarquismo, fazendo dele constante profissão de fé e atacando ostensivamente a república em campanhas que têm a maior publicidade.

O ensino, que no tempo de propaganda os republicanos invocavam como a maior justificação da proclamação da república, está entregue aos reacçãoários. As próprias universidades estão nas mãos dos monárquicos e dos reacçãoários. Está separada a igreja do Estado e no entanto professores da Universidade de Coimbra e portanto funcionários públicos, tomam parte nesta qualidade e com as insígnias doutorais, no congresso eucarístico em Braga.

Constatemos pois este facto bem sintomático: a república persegue os operários, mete-os na cadeia. A guarda republicana e a polícia em várias localidades do país, caem à bruta sobre os operários indefesos, roubam-lhes o direito de reunião, a liberdade e, por vezes, a própria vida. E o que faz a república aos monárquicos e reacçãoários? Apenas isto: deixa-os tripudiar impunemente.

Que o povo registre estes factos e repare que não dia em que teve de defender a república a não defende apenas do ataque dos monárquicos mas da mão de certos republicanos que não são afinal senão monárquicos com mascara verde e vermelha.

O predomínio da reacção

Carta aberta ao velho democrata dr. Magalhães Lima

Meu querido amigo:

Misto de assombro, de revolta e de tristeza, alternadamente, eis a impressão que venho de sentir durante a leitura do último acto daquela peça fantástica representada na vetusta cidade dos arcebispos: «Milhares de fiéis assistiram devotamente à missa campal, encerrando o largo fronteiro. Das janelas próximas pendem ricas coladuras, colchas preciosas, e muitas senhoras, ostentando na sua maioria os distintivos de várias associações de piedade, seguem de aíl atentamente as sagradas cerimónias. A elevação, a multidão cal de joelhos. Terminada a missa, o rev. dom do Porto fez uma brilhantíssima allocução, seguindo-se depois a comunhão geral».

Na procissão... «seguiu depois as catequeses, asilos, congregações religiosas, etc...» «No cortejo da procissão viam-se, com os seus capelos universitários, os lentes da Universidade de Coimbra, drs. Gonçalves Cerejeira e Oliveira Salazar...» «Na estação ferroviária, do dia 2 até domingo, registaram-se 160.000 entradas de passageiros em Braga, vindos de todos os pontos do país e da Galiza, para assistir às festas eucarísticas...» E fico a cismar... e pergunto a mim próprio se ainda terei de vida o tempo suficiente para assistir, para ser espectador duma scena macabra, que municipal já não viu por ter chegado tarde, de que minha mãe—crente sincera na sua ingenuidade—nem suspeitou: A execução duma sentença lavrada no tribunal do Santo Officio, tendo por espectadores 160.000 passageiros vindos de todos os pontos do país e da Galiza, e sendo portadores de outras tantas facinhas de pinheiro para abrilhantarem,

com o mais acrisolado fervor religioso, o purificador, o reconfortante, o sacrosanto espectáculo!

E, em última análise, a minha tristeza mergulhou na profundidade do desespero, ao constatar a situação miserável, vergonhosa, deprimente e catastrófica a que está reduzido este país este verdadeiro Estábulo de Múrias, se por ventura, num supremo arranque de virilidade, este novo Heracles—o povo trabalhador—não se decide, urgentemente, em quanto a tempo, a empunhar a Vassoura Redentora.

E pelo meu espirito deslizam, como em fita cinematográfica, a colaboração—consentida sem solicitação—do episcopado nas cerimónias patriótico-proletárias, a grotesco-deprimente imposição, pelo chefe do Estado, do barrete cardinalício a Lotali; a reinstalação—encapotada—das ordens religiosas nas evacuadas posições estratégicas; a prostituição de toda a imprensa do regime, ajoelhada, durante cinco anos, deante do Sumo Pontífice do jornalismo, do agente mais perspicaz, mais subtil, mais como il faut que a Companhia de Jesus jamais encontrou neste país; a restauração da embaixada junto do Vaticano, neste momento representada pelo visado personagem: consequentemente destruída, não só a lei basililar da república—a lei da separação—como a própria constituição, merced dos latrocinios, da incompetência, da vaidade, da apostasia, da traição, da vilania substituída a justiça, do arbitrio escarnecendo a lei escrita, do despoitismo arvorado em sistema.

Seguidamente, como um relâmpago atravessou-me a retina a cabeleira loira do loggêo tribuno de há 40 anos, e na placa auditiva vibrou, como um clarim d'alvorada, a sonoridade do seu verbo inflâmado.

Então, de novo formulei a mim próprio esta interrogação: Será por ventura incomensurável, ilimitado o espaço do idealismo, da fé, da bondade, da generosidade? Azoragando os vendilhões no templo, o lendário Rabi da Nazaré negou a proposição interrogativa.

«O regime não é responsável pelos crimes dos seus maus servidores»—estou ouvindo o meu querido amigo. E' certo, mas também é verdade que ele não é uma abstracção, mas uma máquina em actividade, que o maquinista dirige a seu talento; maquinista que é substituído a miúdo, sem dúvida, por incompetência (passe o eufemismo). Succede, porém, que através de toda a História é muito restrito o número dos maquinistas de verdade; e por que os povos estejam excessivamente cansados de sofrer as consequências da incompetência, imaginaram esta coisa duma simplicidade infantil—destruir a máquina.

Dos maquinistas do actual regime está absolutamente demonstrada a incompetência, de todos, sem única excepção; podendo aplicar-se-lhes a pitoresca classificação dos estudos: mestre: «bols corridos». A violação das leis da Separação, de Pombal e de Aguiar, é designada por tolerância, nas gazetas onde a ventagem e o cinismo se estabelecem sem sombra de pudor. Miseráveis! Que não têm um grito de protesto contra os assassinos polícticos!

Não me cansarei de o repetir: Livre pensador, eu reclamo, eu exijo para o jesuita pregar a sua doutrina de obscurantismo, de obediência passiva, de eretico quta absurdam, a mesma liberdade absoluta que para a propaganda do meu ideal de beleza, de bondade, de paz, de fraternidade e de amor. Mas eu insurto-me, eu protesto com a vengança dos 20 anos, contra este crime monstruoso—A educação da infância na escola do Jesuita!

truoso—A educação da infância na escola do Jesuita!

A jurisprudência e a filosofia negam ao chefe de família o direito de vida e de morte sobre a sua prole; a protecção à criança é extensiva até à vida intra-uterina. Pois bem! que a toga e a cátedra oponham o veto à estupidez, à ignorância, à superstição ou ao capricho paternal que se arroga o direito de bestializar, de assassinar, intelectual e moralmente, por que é seu filho, o futuro membro de uma sociedade civilizada.

Nesta espécie de protecção à criança indefez, eu não hesitaria em colocar um polícia armado à porta de cada cidadão.

«A infância,—aves do céu num rumoroso ename—
«Não precisa de ti... Vai, pedagogo infame,
«Deixa-a voar à luz»
«Vai! Dehido o milhafre, ansioso, a pomba fita;
«As almas d'amanhã prescindem do jesuita»
«Basta-lhes bem Jesus!»

«Que tinhas que fazer lá dentro dessas aulas?
«Mudá-las nos covis, nos cárceres, nas jaulas
«Dos tigres d'amanhã?
«Soprar da infância ao peito instintos duma fera?
«Colar da infância a boca às tetas da pantera?
«Do anjo extrair Santa?»

A alma do poeta, há 50 anos, exteriorizava-se nestas estrofes candentes! Que ficam eternamente!

Hoje a poesia, decadente degenerada quando muito dura o período duma geração de snobes.

Esta já vai longa e eu ainda não disse, resumidamente, metade das minhas razões, mas, o papel, isto é; o espaço escasseja; por isso, despede-se o imperpetuamente mais velho admirador.

Ursus C. P.

A situação dos presos

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Em consequência da interminável situação dos operários presos no presídio da Trafaria e calabouços do governo civil, este secretariado, que se fazia acompanhar do seu representante das classes marítimas e da famílias dos presos, esteve ontem nos ministérios do Interior e Justiça.

Não conseguindo falar com os respectivos ministros, mas sim com os chefes dos gabinetes, a quem expoz os fins que ali os levava, que era ver se de uma vez se resolvia a situação dos indivíduos presos sem culpa formada há mais de dois meses.

Esta situação, é intolerável, nem os libertam, nem lhes resolvem os seus julgamentos, se acaso os têm.

Transferiram da Trafaria para os interiores calabouços do governo civil uma parte dos presos, onde se conservam sem se poderem deitar devido à aglomeração constante de presos que ali existem.

No entanto ficou aprasada para hoje, às 13 horas, uma entrevista com o ministro do Interior sobre o assunto.

Com o chefe do gabinete do ministro da Justiça também este Secretariado fez sentir a demora na resolução a dar os requerimentos entregues pelos presos de delicto social, há mais de 18 meses julgados e entregues ao governo, situação que estava quasi resolvida pelo ex-ministro da Justiça.

Uma situação destas é intolerável, visto affita que todos estes presos estão fazendo às suas famílias.

VOZ DO OPERÁRIO

A nova comissão administrativa

No domingo, pelas 14 horas, tomou posse a nova comissão administrativa da Sociedade A Voz do Operário, que, como temos dito, foi nomeada pelo governador civil em virtude duma sindicância a que se procedeu por factos circunstancialmente relatados em A Batalha e portanjo do conhecimento dos leitores.

Essa comissão ficou composta por Francisco Coelho Lima, administrador do bairro, Artur Pereira Clemente, Domingos Cruz e José Maria Gonçalves, sôcos auxiliares; Abílio, da Fonseca, Frederico Lopes dos Santos e José João Luis Rita, sôcos efectivos.

As acções da posse compareceram muitos sôcos auxiliares e efectivos.

O vespeiro marroquino

Primo de Rivera, conciliador...

TETUAN, 14.—O general Primo de Rivera declarou perante os chefes das tribus árabes a Espanha que o protelamento espanhol devia constituir um motivo de civilização e progresso e que para esse fim a Espanha daria prova da sua amizade para com os marroquinos retirando os seus soldados e deixando as forças indígenas a missão de velar pela segurança do país. Antes disso porém a Espanha extirparia por todos os meios de guerra moderna os fanáticos que até agora impediram que se puzesse em prática essas intenções conciliadoras.

A REVOLUÇÃO BRASILEIRA

Um governo provisório em fuga

BUENOS AYRES, 14.—Os rebeldes brasileiros constituiram um governo provisório que ainda não foi capturado e que dispõe de um corpo de tropas que se dispõe a marchar contra Santos. Diz-se que este corpo de tropas fez um «raid» audacioso, tendo aprisionado o general Noronha das tropas federais.

As notícias oficiais do Rio de Janeiro, dizem por seu turno que os rebeldes estão completamente cercados e que a sua situação é uma questão de horas.

O presidente da república aconselha calma

LONDRES, 14.—As notícias sobre a revolução de São Paulo, são contraditórias. Ao passo que as notícias do Rio de Janeiro dão a situação como dominada em breve, notícias de outras procedências dizem que os revolucionários continuam obtendo vantagens, e que aprisionaram o Presidente do Estado e muitos outros altos funcionários, e que se preparam para tomar a cidade de Santos.

O chefe revolucionário, general Dias Lopes, declarou que o movimento era dirigido contra o governo central. Parte das tropas leais aderiram ao movimento revolucionário. O presidente Bernardes publicou uma proclamação, exortando a população a manter-se calma.

Os revolucionários dominam em S. Paulo

BUENOS AYRES, 14.—Os revolucionários dominam a situação em São Paulo, tendo aprisionado o presidente

deste estado e outros altos funcionários.

Outras notícias afirmam que estes se retiraram para Santos. O chefe revolucionário general Dias Lopes, diz que o movimento se dirige contra o governo central.

Parte das tropas federais colocaram-se ao lado dos revoltosos.

Procura-se atenuar os acontecimentos

PARIS, 14.—A embaixada do Brasil em Paris procura atenuar a impressão causada pelas notícias publicadas sobre a revolução no Brasil, dizendo que o presidente Bernardes publicou uma proclamação exortando o povo a manter a calma.

Os revolucionários querem a independência de São Paulo

PARIS, 14.—Telegramas chegados hoje de Buenos Aires continuam a afirmar que o movimento revolucionário, iniciado em São Paulo, tem por fim tornar independente aquele estado, que outros despachos dizem estar em grande parte nas mãos dos revoltosos.

Um armistício

BUENOS AYRES, 14.—As tropas federais têm batido os revoltosos. Estabeleceu-se um armistício, esperando-se que dêe results a rendição das tropas revoltosas. Os pontos estratégicos de S. Paulo estão tomados pelos federais. Alguns navios japoneses que se encontravam em Santos telegrafaram para esta cidade dizendo que há combates nos arredores de Santos e que estão a arder vários armazéns dos arrabaldes.

NO PORTO

Scena sangrenta

O funeral da vítima passou em frente do Aljube

PORTO, 14.—Ontem passou-se o segundo acto da tragédia da rua Augusto Rosa, isto é; efectuou-se o funeral de Serafim Baptista Pereira, vítima da scena de tiros por questões de bato.

Para o enterro foram feitos convites por alguns centros republicanos e pelo grupo iniciador da campanha contra a miséria do pano verde.

O enterro saiu da morgue e foi passar em frente ao Aljube, em sinal de protesto contra o Joaquim Monteiro para que ele podesse ver o resultado da sua obra. Como as autoridades contestasse talvez se dessem manifestações, a polícia tentou embargar a passagem ao funeral pela frente do Aljube, do lado da rua Saravia de Carvalho.

Os acompanhantes rodaram, indignados, o fêretro, levantaram os seus veementes protestos, reagiram e... conseguiram os seus intentos... A polícia reconheceu que era demasiada estupidez e ferocidade fazer andar em bolandas, pelo chão, o cadáver da vítima. Procedeu, como devia, cedendo aos protestos gerais e evitando novas scenas lamentáveis.

Para vergonha já basta... e bom será que agora as autoridades, para se não tornarem cúmplices destes crimes, vi-

Proezas da polícia

Uma scena de sangue na Calçada do Combro

A polícia anda desenfreada. Ontem tivemos conhecimento de alguns casos todos eles revoltantes. Uma das proezas da polícia foi revoltante, praticada pela polícia da esquadra das Mercês.

Um indivíduo de nome Carlos, passava, na companhia de outro indivíduo de nome Alfredo da Costa Luis, à rua D. Pedro V, precisamente na ocasião em que uns indivíduos desavindos haviam jogado à pancada. Um dos agrididos tomou pelo agressor esse Carlos que descansado da sua vida passava na ocasião. Dessa confusão resultou querer agredido, o que chamou a atenção da polícia que interveio. Tomando o Carlos pelo verdadeiro agressor o guarda deu-lhe ordem de prisão, trazendo-o pela rua do Século em direcção à esquadra das Mercês.

Parece que o preço quiz evadir-se, o que motivou uma perseguição bárbara, pois juntaram-se uns quatro ou cinco civis que, na calçada do Combro o agrediram à sabrada, prostrando-o por terra num lago de sangue.

Esta barbárie motivou protestos de várias pessoas que assistiam à repugnante scena, tendo um dos policias disparado para uma das janelas de onde os protestos se ouviam mais fortes, um tiro, e ameaçando outros de proceder de igual modo.

Contemórias para quê?

Agredido por estar sentado

Miguel Alves de Almeida é um pobre homem que vive de vontade de se sentar—ontem pelas 23 horas, num banco da Avenida, a olhar o fresco, ali pelas alturas da rua Alexandre Herculano.

Arroximou-se um civio e convidou-o a retirar-se, porque o desgraçado não tinha decerto ordem de gozar o fresco a única coisa boa que por enquanto ainda não custia dinheiro.

Como a ordem do civio não tivesse sido prontamente acatada, recebeu o homem algumas pranchadas nas costas e nos braços.

A ordem é arrear—comentaria o commissário geral da polícia.

Preso por estar solto

Conta-nos Viriato Martins que estando ontem no Parque Eduardo VII assistiu a uma scena impressionante: uma mãe que accusava um individuo de ter momentos antes, desfilado uma filha de 8 anos. O acusado foi preso para o posto policial do Parque.

Diz ainda o queixoso que, com grande admiração sua, o tal individuo acusado do repugnante delicto, a despeito de inúmeras testemunhas confirmarem a queima da pobre mãe, era pôsto em liberdade.

Indignado, dirigiu-se ao tal individuo a fim de, ouvindo-o, certificar-se da verdade, mas não teve Viriato Martins tempo de o fazer porque o guarda 1038, prendeu-o, maltratou-o e conduziu-o para o referido posto. Ali ainda foi agredido em frente do chefe, que assistia passivo às violências do referido guarda.

Passado cerca duma hora mandaram-nos embora. Ele, porém, recusou-se a sair. Como o haviam delto sem motivo justificado, queria saber do que o accusavam.

O referido guarda, embora o tentasse, não foi capaz de inventar razão para redigir a participação do caso. Pela segunda vez o mandaram em liberdade, o que Viriato Martins aceitou por fim, por considerar inútil a sua primitiva atitude.

O comício dos radicais

Foram veementemente atacados os financeiros e os seus cúmplices da política—Vários oradores condenaram os bárbaros crimes de Silves e Olivais

Realizou-se ontem no recinto conhecido pelo baile das «sopeiras», a rua Rodrigues de Sampaio o anunciado comício radical que foi presidido pelo dr. José de Macedo e secretariado pelos srz. Ezequiel Marmelada e José Cândido dos Santos.

A assistência era numerosa, predominando entre ela o elemento operário. Quando o presidente, com breves palavras abriu o comício, foram soltos vivas à Batalha e ao operariado, que foram entusiasticamente secundados.

O primeiro orador que foi o sr. César da Silva zurziu desapidadamente a alta finança.

«Não estamos—exclama o orador—nas vésperas dum novo Alcázar-Quibir, como afirmou o general Gomes da Costa, mas próximos duma revolução provocada pelo desespero dos que não podem sofrer mais miséria e fome».

O sr. Vergílio da Conceição e Silva que é o segundo orador, afirma que as únicas e verdadeiras forças esquerdistas se compõem de radicais, socialistas, comunistas e sindicalistas.

Uma parte do partido democrático lembrou-se de se afirmar esquerdista porque lhe vê fugir o terreno debaixo dos pés, declarou-se esquerdista porque essa é a tendência mundial que se evidencia, principalmente na França e na Inglaterra.

Afirma que no Brasil se está realizando uma revolução de carácter radical dirigida contra os jesuitas e clericais que se apressaram daquela república.

Ataca o sr. José Domingos dos Santos que classifica de simples aventureiro o partido democrático e para toda a colher: fornece ministérios para todos paladares: ministérios das esquerdas e outros que não são das direitas nem das esquerdas, antes pelo contrário. Ataca o referido agrupamento politico usando-o de de ter sido o perseguidor constante e feroz da classe operária.

Arnaldo de Carvalho elogia os democratas e afirma ser necessário expulsar os bandeireros da república.

O povo está cheio de fome e de miséria. Esta-se num período de transição, neste momento assinalado pelo caminho reto da humanidade para a sua emancipação.

Declara que o povo está disposto a «querer-se como um só homem para expulsar os politicos vendilhões».

Vive-se num descalabro económico que não pode durar mais dois anos sob pena dos que trabalham morrerem de fome. A classe média que também sofre tem de sair da sua apatia para protestar contra os que a reduzem à miséria.

Declara que se o seu partido desmentir as suas afirmações é tam miserável como os outros. Tem a opinião de que se cumprir o programa do partido, radical dentro de poucos meses se modificará a situação.

Uma voz de entre a assistência:—«Havemos de ver isso!»

Termina dizendo que quando os radicais estivessem no poder não se produziriam espantamentos, fusilamentos e prisões sem culpa formada.

A assistência nesta altura manifestou-se ruidosamente contra os crimes de Silves e de Olivais.

O sr. Procópio de Freitas elogia o povo português afirmando que ele não está morto mas adormecido e narcotizado pelos que o ludnam.

E' preciso implantar de novo a república.

blica porque a maioria dos politicos enforma dos mesmos vícios dos monárquicos e estão enfiados às empresas financeiras.

A república tem estado nas mãos do partido democrático e este é principal responsável por tudo o que tem acontecido.

Se voltasse a monarquia muitos dos marchais do partido democrático adeririam a ela com entusiasmo.

O orador, ao afirmar que a massa avançada fez mal em deixar os monárquicos sózinhos nas urnas, procedeu mal, provoca apertes enérgicos da assistência.

Ao assomar à tribuna Gonçalves Vidal, delegado da U. S. O., produz-se uma grande manifestação de simpatia pela C. G. T. e pela A. Batalha.

«Foi silêncio, o orador refere-se à data do 14 de Julho, historizando a tomada da Bastilha. Os 100 mortos que ela custou pertenciam a rale e eram tam anónimos que levaram várias semanas a identificar, a mesma rale, que foi quem mais corajosamente se bateu, apesar de lhe terem sido negadas as armas».

Foram ainda as mulheres do povo que silvaram a Revolução como a sua heroica marcha sobre Versaillais.

Recorda ter-se depois negado o direito a vida a 10.000 operários de Montmartre e serem alguns dos que atacaram a Bastilha que avançaram contra 1.000 desses operários desumanamente lançados para a miséria.

A aspiração da liberdade vive unicamente na alma popular, sendo essa aspiração uma condição fundamental do progresso.

Só dentro dos sindicatos os operários podem caminhar para a sua emancipação, e por ela, eficazmente lutar. Os operários não podem colaborar com politicos por que isso equivalia a negar a razão da sua existência.

O operariado não acredita nas sociedades sem presos, por mais radicais que elas se tornem. Ele aspira à abolição das castas a uma revolução profunda, que não reconhece as fronteiras comerciais duma pátria uma revolução internacional que constabencie a queda de todos os exploradores pela energia consiente de todos os explorados.

A sociedade nova, que surgirá dessa revolução, será baseada no trabalho e terá por lema: de cada um segundo as suas forças e a cada um segundo as suas necessidades».

Termina afirmando achar estranho, que os que protestaram contra o crime da Leva da Morte tivessem emudecido perante os crimes de Silves e de Olivais.

O orador terminou o seu discurso no meio de grandes e aplausos.

O sr. Eugénio Vieira afirma que há uma Bastilha pior do que a de França, é a Bastilha do preconceito que é preciso, sem perda de tempo, atacar e destruir. Finaliza preconizando uma aliança entre as esquerdas e as massas operárias.

Egídio Correia surge na tribuna e ergue um viva às juventudes sindicais que é entusiasticamente correspondido. Levanta-se porém um incidente entre ele e o presidente, alegando este último que não lhe tinha dado a palavra. Levantam-se protestos, que se prolongam algum tempo.

Carlos Marques, do Partido Comunista, lê vários pontos do programa

partidário, seguindo-se-lhe Egídio Correia que defende a acção da juventude sindicalista afirmando que a policia é um impedimento para realizar a obra educadora que ela tem por lema.

O dr. sr. Lopes de Oliveira afirma que os comícios são as pedras de toque da opinião pública.

As ideias, mesmo quando estão erradas, combatem-se com outras ideias e não pela violência. O programa do partido radical cifra-se na propriedade para todo, na liberdade para todos e na instrução para todos.

Salmeron, o grande republicano espanhol, so discursar uma vez em Barcelona respondeu a um operário que perguntara o que daria a república espanhola aos trabalhadores: dava tudo o que os mesmos trabalhadores lhe soubessem impor.

Rodrigues Graça, delegado da Federação das Cooperativas, ataca as forças vivas, afirma que o Comissariado dos Abastecimentos protege o comércio. Entende que ele deve ser extinto e, em seu lugar, nomear o governo um conselho administrativo, composto por delegados do governo das cooperativas e dos consumidores.

Apresenta uma moção, propondo várias medidas contra os causadores da vida cara.

O dr. sr. Santos Monteiro defende largamente o programa do partido radical.

Tábem falaram os srz. António Joaquim de Magalhães e Marmelada, que atacaram os crimes de Silves e Olivais, e afirmaram as boas intenções do partido radical.

No final foram aprovadas moções do partido radical, do partido comunista e da Federação das Cooperativas.

Um atentado

que causa prejuizos a pessoas pobres e inocentes

Ante-ontem, pelas 23 horas, na escada do prédio n.º 286 da rua Maria Pia, aos Terramonts rebentou uma bomba de grande potência que, felizmente, não causou desastres pessoais. O prédio ficou de tal maneira danificado que as autoridades o deram incapaz para habitar.

José Domingos Laranjo, empregado de câmara da marinha, que morava no referido prédio, declara que desconfia que o atentado o visava, em virtude de certas atitudes que tomava perante a classe a que pertencia.

Não nos parece que dessa classe tivesse partido o repugnante gesto de se colocar uma bomba de tal potência num prédio de gente pobre, lesando-se os interesses de inúmeras pessoas que não têm que ver com a questão. Inclina-mos mais para que o atentado tivesse sido praticado por alguém interessado em comprometer uma classe trabalhadora. Partissem entretanto o gesto de quem partissem, ele tem a nossa repulsa.

Vaga de calor

LONDRES, 14. — Uma vaga de calor tem continuado a assolar a Inglaterra e a Irlanda. Ontem houve 87 graus à sombra.—R.

Propaganda sindical

Operários têxteis

Nas salas da Academia de Instrução e Recreio Luís de Almeida Grandela, em Benfca, realizou-se há dias uma sessão de propaganda sindical para a criação da Secção da Associação de Classe União Têxtil naquela área, tendo presidido José da Cruz Belchior, que foi secretário por Alexandre Marques e Alexandre Vilar.

Falaram nesta sessão, que esteve regularmente concorrida, José da Cruz Belchior, Fernando Rodrigues, delegado da U. S. O., e Jacinto Rufino, que se referiram à necessidade da criação da Secção na área de Benfca para melhor se desenvolver a organização dos operários têxteis. Alargaram-se ainda em considerações sobre o horário de trabalho e outras questões de carácter social.

No final da sessão foi nomeada uma comissão que ficou constituída por João dos Reis, Salvador Calvário e Luís Fernandes, a fim de tratarem de organizar a Secção respectiva.

Em Faro

FARO, 9. — Na sede da U. S. O. desta cidade, realizou-se ontem, pelas 22 horas, uma sessão de propaganda que esteve regularmente concorrida.

Presidiu Manuel Madeira, secretário geral da U. S. O., sendo secretariado por Filipe Vieira, corticeira e Evaristo Melo, mobiliário.

Usou da palavra Raúl Duarte, manobrador de calçado, que dissertou sobre organização, sua fórmula e conveniência de todos os trabalhadores ingressarem nos seus sindicatos. E' adiante dos seus baluartes sindicais que o proletariado tem força para tratar das suas questões económicas-morais. E' um erro crasso das organizações, esquecerem-se que existem os seus sindicatos de indústria, pois que dessa forma criminosos já mais se veriam livres das algemas da escravatura. Espera que os seus andam desviados da organização proletária nela dêem ingresso, porque assim fortalecem-se, fortalecendo. Fala ainda sobre religião, atacando a forma imbecil como a sua propaganda vem sendo feita pela seita de Loyola, com assentimento dos governantes que se dizem democratas e livres pensadores. A igreja do proletariado é a sede dos seus sindicatos e os santos a adorar devem ser os livros educativos que desanuviavam a consciência.

Seguidamente fala o secretário geral do sindicato metalúrgico do Porto. Refere-se à forma cáustica em que a actual sociedade se encontra. O seu desmembramento é fatal por mais sortes arbitrárias que a burguesia faça. E' necessário, portanto, ser substituída e essa missão compete aos trabalhadores, que devem de antemão estar preparados para esse efeito. Essa preparação só se faz educando-se devidamente. E' urgente, que o proletariado se vá educando dia a dia sobre todos os pontos de vista para se evitar o fracasso que pode advir da falta de preparação.

Referindo-se aos presos por questões sociais, ataca as autoridades desrespeitadoras da lei que perseguiam e dizem representar, tendo a ferro de uma república corada, sem culpa formada, mezes sucessivos, indivíduos cujo delicto é a defesa da Humanidade, possuírem consciência formada, defenderem um ideal. Os crimes da actual sociedade vão até ao ponto de se cometerem os fustigamentos sumários nos Ovais com aplauso do parlamento, que votou as concessões aos assassinos. A sua podridão é de tal natureza que se fustigam inocentes em Silves sem que o culpado, o assassino — o já celebre tenente Vinhas — seja chamado à responsabilidade, consentindo ainda que semelhante aberração se encontre naquela cidade como comandante, o que representa um desafio a todo um povo. E' esta sociedade de assassinos, latrocinios e escroquerias que pretende manter-se. Aos trabalhadores escravizados compete unificarem-se afim de derrubar tal monstro.

Armando Ferreira, pintor, ataca todas as nuances políticas e pede a todos os operários que se afastem da política, tenha ela o carácter que tiver, porquanto é sempre perniciosa à vida sindical. Políticos há que tentam imiscuir-se nos sindicatos com o fim reservado de derrotarem os sindicalistas revolucionários.

— Mais do que pensas... Teu pai chamava-se Karadeuk.

— Como sabes tu isso?

— O pai de teu pai chamava-se Jocelyn... e se vive ainda na Bretanha com seu filho mais velho Kervan e a sua filha Roselick, deve habitar a sua casa junto das pedras sagradas de Karnak.

— Quem te disse tudo isso?

— Um dos teus avós chamava-se Joel, era BRENN da tribo de Karnak... Hena, a santa do bandido, era

Foi apresentada e aprovada por unanimidade uma moção cujas conclusões são:

1.º — Protestar contra a permanência daqueles que dizem ser defensores do povo têm única e exclusivamente primado em ser seus exploradores e assassinos;

2.º — Exigir por todos os meios — os mais violentos se tanto for necessário — a liberdade dos presos por questões sociais, bem como o castigo dos autores dos assassinatos dos Olivais e Silves;

3.º — Protestar energicamente contra as perseguições que vêm sendo movidas contra o órgão dos trabalhadores A Batalha;

4.º — Apoiar a propaganda de acção que a U. S. O. de Faro vai encetar realizando sessões e comícios no sentido de preparar os trabalhadores para um movimento nacional de protesto do qual o povo conquiste um pouco de mais liberdade;

5.º — Saludar os presos por questões sociais e o intermédio defensor dos oprimidos A Batalha, manifestando-lhe a nossa incondicional solidariedade.

Foi também apresentada e aprovada a seguinte proposta:

«Proporho para que a U. S. O. de Faro procure levar à prática no próximo domingo o primeiro comício público servindo-lhe de base a doutrina expressa na moção que acaba de ser aprovada.» — C.

Nos jovens sindicalistas da região portuguesa

E' indispensável a realização, o mais breve possível, do nosso 2.º Congresso

Neste momento em que a burguesia sente fugir-lhe o chão debaixo dos pés e que para se salvar vem deitando mão de todos os meios violentos que vão da perseguição acinosa e encarceramento nos fortes militares, ao assassinato na praça pública de operários, é necessário que os jovens sindicalistas se organizem fortemente para que no momento saibam e possa responder condignamente àqueles que, apolando-se na força bruta das armas, vêm cometendo toda a casta de patafrias contra a classe operária organizada.

Querera a mocidade proletária contribuir com o seu indifferntismo para que este estado de coisas continue? Não... Não pode ser.

Torna-se necessário que os jovens sindicalistas da região portuguesa, hoje mais do que nunca, dediquem o máximo da sua atenção para os Núcleos sindicais filiações para que estes possam corresponder aos fins para que foram criados.

São as juventudes sindicalistas que têm um papel importante a desempenhar na transformação da Sociedade, não podendo por isso assistir indifferntes aos acontecimentos que dia a dia se vêm desenrolando.

Neste momento o que mais nos deve preocupar é a realização do nosso 2.º congresso que já devia ter-se efectuado e que mereço do estado financeiro da nossa organização juvenil ser precária ainda não foi possível realizar-se.

Se todos os jovens sindicalistas cumprissem com os seus deveres para com a organização juvenil já o nosso congresso se teria realizado. Tem de facto sido indifferntismo a que uma grande parte dos jovens tem votado à nossa Organização que tem impedido a realização do Congresso.

E' já tempo dos jovens pensarem a sério na vida das juventudes sindicalistas e venham novamente com a sua bondade alimentar a acção e propaganda, que tão necessária se torna para o robustecimento da organização.

Basta de indifferntismo! Juntemos todos os nossos esforços e coadjuvemos a realização dessa grande reunião de onde sairá a nossa organização mais fortalecida e onde mais uma vez será afirmada a ideologia revolucionária das juventudes sindicalistas.

Jovens sindicalistas... Avante pelo nosso congresso.

João GOMES
Jovem sindicalista

Olhão

O jardim público transformado em meio de exploração

OLHÃO, 10. — Nesta vila, tudo se aproveita e tudo serve para exercer a exploração sobre o povo.

Os rapinantes que, digamos de passagem, sabem ocultar inteligentemente ao povo a exploração, desde o pão ao mais insignificante género necessário à vida, acabam de cometer outra proeza.

Agora é a câmara municipal que se considera alguma pelo povo trabalhador desta vila, o acaba de privar, de recrear o espírito no único jardim público que aqui existe. Assim, alegando ser necessário arranjar receita para o hospital capaz de fazer face à despesa cometeu o erro de mandar vedar o jardim em volta, consentindo que a néle se armassem uma espécie de barracas que, servem para vender bebidas, de noite.

De forma que quem quiser aspirar o oxigénio necessário aos pulmões, das árvores que ali se encontram, está impossibilitado de o fazer, só se querir ir de noite, mediante uma quantia estipulada, ouvir meia dúzia de comediantes tocar outros tantos instrumentos que nem sequer conhecem a ingerir o veneno que ali vendem.

Sobre esta comédia que é um ultrage à miséria, em breve nos esclareceremos com mais vagar sobre seus verdadeiros fins.

A vida aumenta

Parece impossível que a vida aqui esteja subindo, mas é verdade. E subiu desta vez sem que os comediantes tenham algo que dizer em sua defesa.

Desde as batatas ao azeite, tudo subiu de mais a mais. O pão, agora, (não se contentaram com pouco) sofreu um aumento de 220 por cento. Também seria por a moagem ter aumentado nas últimas?

O jogo da roleta.

O maldito jogo de azar continua a produzir as suas vítimas. As roletas continuam a funcionar e as suas obtruncas continuam a afastar. O delegado do governo, que devia já de muito ter chamado os batotoeiros à ordem, continua a não dar importância ao caso. Agora não são só duas roletas que funcionam, sr. delegado do governo. Com mais vagar lhe indicaremos onde elas se encontram a trabalhar.

Agora vamos entrevistar pessoa, que nos vai revelar coisas que passaremos a comunicar-lhe sr. delegado do governo! — C.

Os doentes do hospital

Na ocasião em que estávamos terminando estes pequenos relatos, fomos informados por pessoa insuspeita, duma dasmuitas acometidas que se estão passando no hospital desta vila. A enfermeira costumava ir todos os dias fazer compras, acompanhada dum rapaz que no hospital, se encontrava empregado só para esse fim.

Mas agora, pelo visto, entende-se que podia prescindir dele. E empregou em seu lugar, alguns dos doentes, que todas as manhãs vão fazer os recados, rendendo-se uns outros. Se realmente assim é, pode-se perguntar se os doentes vão para o hospital, procurar remédio para as suas enfermidades ou para fazer recados?

Fadiga geral e nervosa

CRESCIMENTO e ANEMIA

Cura-se rapidamente com o esplêndido medicamento de surmenage

POLIFOSFOGÊNEO

A venda nas principais farmácias e no depósito geral:

Calçada de Santo André, 16

Dentes artificiais

a 2500 — Obtenção a 2500 — Extrações sem dor a 1500

Das 11 às 13 no consultório de

MARIO MACHADO

da Escola Dentária de Paris

Chiado, 74, 1.º Tel. C. 418

Viana do Castelo

Protestos

VIANA DO CASTELO, 13. — O Sindicato Unico da Construção Civil, na sua última assembleia geral, protestou contra os crimes dos Olivais e Silves e ferocidade com que a autoridade local perseguiu A Batalha, a quando dos seus ataques justíssimos às bandalheiras dos mandantes às ordens da gatunagem nacional e nacionalizada resolvendo, sempre que seja preciso, acatar as resoluções da C. U. T. sobre qualquer movimento contra as prepotências dos que se governam... a governar os outros.

Um despejo violento

Nos primeiros dias da semana que findou, na rua de Altamira mantinha-se grande aglomeração de povo que censurava asseramente a forma violenta como a Francisco de Passos e família, conhecida vulgarmente pelos «Casquinhas» lhes foi arrombada a porta da casa em que habitavam por um oficial do juiz e polícia, quando apenas se encontrava em casa Cândido de Passos, filho do primeiro, que, estando tuberculoso e há bastante tempo de cama foi posto na rua em cangalhos e descalço.

Durante dois dias que a miséria duma família esteve patente ao público que comentava o facto com os olhos fitos numas mantas velhas e outros objectos que, sendo o mobiliário duma família, dava a impressão de tratar-se dum leão de velhos móveis para lenha.

Ora este despejo não obedecia à falta de pagamento, mas sim às conveniências do «Zé Freitas» escrivão de juiz de paz e proprietário e director da «Jornal do Povo» — não se riem que o caso é sério — que tendo uma entrada com taberna nos baixos do prédio e porque lhe convinha os altos, tratou de arranjar com a proprietária a mover uma acção de despejo, não contra o inquilino mas sim contra o fiador, o senhor Manuel Couto Viana, filho, que, não consentando, deu margem a uma família, entre a qual um tuberculoso, fêsse violentamente atirada para a rua!

E... viva a moralidade da «Defesa do Povo»! — C.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Mina de São Domingos

Perseguições e vinganças mesquinhas

MINA DE SÃO DOMINGOS, 13. — O gerente da empresa, no intuito de lançar num conflito os operários mineiros, está praticando injustiças revoltantes, para as quais chamamos a atenção de quem compete evitá-las.

No dia 5, quando o operário António Felício se dirigia para sua casa, teve de defender-se das provocações constantes de um outro que estava embriagado.

O gerente entende, sem respeito pelos filhos destes operários, despedidos dos serviços da mina.

A autoridade não procedeu por bem entender, mas o sr. Rich é mais austero. E diz sua ex.ª que tem muito bom coração...

Outro procedimento injusto para a já longa luta de afrontas que faz parte da indezível biografia do gerente desta mina, tanto do efectivo, sr. D. Rich, como do substituto, sr. D. Francisco. Agora foi vítima um outro operário que um tanto ou outro embriagado liquidou inconscientemente um cão que havia criado.

Preso pela G. N. R. foi conduzido à vila de Mertola onde as autoridades, talvez mais atentas às causas de tão condenável acto, entenderam por bem por em liberdade o referido operário.

De volta à mina, onde tem arruinado a sua saúde, contornado os seus membros, em prol dos seus donos, estes não lhe dão trabalho, porque, segundo afirmam em tempos o gerente Rich, dentro de pouco tempo tem de haver na Mina de S. Domingos, «uma greve terrível».

Jamais poderemos louvar a acção de veras condenável do operário que matou o cão — por ter os miolos enlouquecidos pelo álcool — mas também é mais condenável o procedimento dos que, sem respeito pela vida humana atiram para a vala da miséria famílias inteiras, quando nos seus trabalhos os operários se portam dignamente.

As autoridades, que sempre correm depois da explosão para beneficiar os criminosos, lembramos o dever de recomendarem calma ao gerente desta mina que, aspira à eclosão dum movimento para de novo se entremear entre os grãos da farda a exercer canibíscas vinganças.

Alegam s. ex.ª não haver necessidade de tantos operários e assim planam urrateiramente novas injustiças. A companhia que há pouco tempo ainda pensava fechar a mina (2) por causa de d. pedidos de aumento de salário, sobre a ainda dinheiro para mandar construir um palacete para a G. N. R. afronta lançada aos verdadeiros rostos dos pobres operários! — C.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos. Aos reparos delicados que lhe fizeram, respondeu-lhes com insultos, o que motivou a intervenção do gerente da casa que fez com o referido criado passasse pelo vexame de lhes pedir desculpa.

Queixas e reclamações

Um criado insolente

Queixaram-se nos Luis dos Santos Saiz, António Anacleto e José Baptista de que tendo entrado no sábado cervaria da Trindade para beber e rejejar, no acto do pagamento o criado Ramiro pagou-se insolentemente de gorjeta, e que os irritou porque embora disposto a dar-lhe gratificação não achavam justo que ele a tomasse por suas próprias mãos

